

Introdução

“Opor ‘razão’ e ‘emoção’ seria desconhecer que ambas estão inscritas no seio de lógicas pessoais, impregnadas de valores e, portanto, de afetividade. Existe uma inteligibilidade da emoção, uma lógica que a ela se impõe; da mesma forma, uma afetividade no mais rigoroso dos pensamentos, uma emoção que o condiciona”

(David Le Breton)¹

Refletir sobre a família, a sexualidade, as relações entre os gêneros e as chamadas novas formas de afetividade e conjugalidade tornou-se para mim tão relevante em função da aproximação dessas questões, no mundo contemporâneo, das noções de identidade, trajetória e principalmente singularidade. Ou seja, pela possibilidade de nos percebermos e sermos percebidos como entes únicos e especiais, mesmo em meio à massificação de idéias e valores, num momento, como diz Jean Baudrillard (1990), de pós-orgia, em que as utopias já estão realizadas².

Alguns traçados mais gerais descrevem esse contexto atual, em que as relações humanas são complexificadas e até mesmo fragilizadas, como disse Zigmunt Bauman (2004). O processo de subjetivação deflagrado pela modernidade ganhou dimensões ainda mais finas e difíceis de serem apreendidas, que para o sujeito se constituíram em insegurança, ambivalência, maior liberdade de escolhas, e ausência de suportes externos (institucionais), que dirigissem suas condutas. Os modelos se multiplicaram, assim como os veículos de orientação em matéria de comportamento sexual, que antes eram garantidos, sobretudo pela

¹ Cf. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, Vozes, 2009.

² Orgia, na representação do autor, é o momento explosivo da modernidade, o da liberação em todos os domínios: liberação política; sexual; das forças produtivas; das forças destrutivas; liberação da mulher; da criança; das pulsações inconscientes, liberação da arte. O momento posterior, que seria o atual, é o do estado das utopias e revoluções já realizadas.

família e pela escola, hoje dividem cada vez mais espaço com redes de pares e amigos, mídia, internet, terapias diversas, e assim por diante (Bozon, 2004a).

Essas questões têm perpassado a vida de todos em tempos de globalização. Até em partes do globo em que os paradigmas costumavam ser bem diferenciados do mundo ocidental, como no oriente, as mudanças são vertiginosas e os questionamentos, crescentes. Mesmo sendo incontestável que padrões de assimetria menores ou maiores nas relações entre os gêneros permanecem ainda em toda a parte, dependendo do país, da classe social, é interessante notar que a norma de reciprocidade nos relacionamentos amorosos tem se ampliado, tornando-se um fator recorrente.

No que se refere ao lugar da família no mundo atual, a tendência que se tem verificado é a de diversificação dos modelos e parâmetros e não tanto de uma crise definitiva. Elizabeth Roudinesco (2002) aposta numa coexistência de diversos padrões de conjugalidade, já que o casamento institucional tem declinado, e vai pensar as uniões como sendo hoje mais “tardias, reflexivas, festivas ou úteis” (Roudinesco, 2002: 197), geralmente se combinando com padrões de experiências diversas anteriores. Ela aponta também o crescimento de lares monoparentais e destaca que a família, a despeito da confrontação de seus valores com o processo de eliminação de fronteiras e de dominação crescente dos mercados, é tomada por muitos ainda como uma unidade integradora, sendo uma das poucas instâncias capazes de contribuir para o surgimento de uma nova ordem simbólica. A rede familiar é vista, assim, como um lugar de resistência em um mundo fragmentado, constituindo uma referência fundamental na formação da identidade individual.

Essas reflexões orientaram-me na busca de um objeto de pesquisa, cuja investigação pudesse ser relevante para a problematização desse cenário. Um longo caminho foi percorrido, entretanto, até que eu encontrasse questões específicas em torno desses temas mais gerais, para debater em um trabalho de dissertação de mestrado. Foi, então, através do acesso a uma pesquisa do jornal Folha de São Paulo, incluída em um encarte especial sobre novas configurações do campo familiar e das relações amorosas/afetivas, que me deparei com um tema

que despertou meu interesse de maneira definitiva³. O jornal encomendara uma pesquisa do instituto Datafolha que pretendia apontar os itens mais importantes para um casamento feliz; a fidelidade esteve entre os primeiros lugares. Esses dados foram analisados em um artigo do psicanalista Contardo Calligaris, no mesmo encarte, que atribuiu essa valorização expressiva da fidelidade a novos paradigmas incorporados aos relacionamentos dos casais. Entre eles estaria a associação entre fidelidade e amizade nas relações amorosas atuais. A partir dessa associação, a fidelidade que se esperaria do parceiro teria menos uma natureza monogâmica e sexual, incorporando padrões contemporâneos mais diversificados e refinados. Tratar-se-ia mais da espécie de fidelidade que se espera de um amigo. Como o artigo tinha um caráter ensaísta e baseava-se mais em hipóteses que em constatações, considerei que seria interessante testar essas questões em uma pesquisa empírica e de natureza qualitativa, para depois escrever um trabalho com base nos resultados auferidos. Mais à frente, quando já iniciara a pesquisa teórica, a questão dos projetos de vida, individuais e do casal revelou-se fundamental à complementação do trabalho. Afinal, para além dos temas da fidelidade e da amizade, eu tencionava apreender alguns parâmetros da lógica relacional que se estabelece entre os parceiros amorosos, e que é entrecortada pelas trajetórias individuais. Incorporando a noção de projeto à pesquisa, seria mais fácil reconhecer esses valores dentro de um conjunto maior de paradigmas e nuances que se expressam na interação da díade amorosa. A pesquisa direcionou-se, dessa forma, para a problematização e reflexão em torno de questões contemporâneas, que têm, sobretudo no cenário urbano, perpassado a vida dos indivíduos.

O primeiro passo após a demarcação mais precisa do objeto, e antes que se iniciasse a pesquisa empírica, propriamente dita, foi fazer uma revisão bibliográfica de obras do campo sócio-antropológico, com o propósito de encontrar bases teóricas que pudessem fomentar os questionamentos a serem feitos durante a pesquisa. Deparei-me, então, com um universo extremamente rico de idéias e categorias, que traçavam perspectivas históricas, culturais e sociais das relações amorosas desde o começo da modernidade até os tempos atuais. Foi a partir dessa revisão que mergulhei no universo de conhecimento da chamada antropologia das emoções. A apreensão de algumas questões fundamentais

³ Cf. “Família brasileira”, in, *Folha de São Paulo – caderno especial*. São Paulo, 7 de outubro de 2007.

propostas por autores desse campo de estudos foi primordial para que eu encontrasse um tom mais adequado, sustentado por parâmetros científicos, para iniciar o trabalho etnográfico.

Através de obras relacionadas ao campo da antropologia das emoções pude entender a relevância dos estudos direcionados aos afetos, para descortinar padrões sociais e culturais. Tratava-se de justificar o papel desses estudos na compreensão de paradigmas essenciais ao funcionamento da sociedade e à expressão da cultura. Essa não é uma tarefa fácil na área das ciências sociais, direcionada tradicionalmente para outros temas, sobretudo relacionados ao mundo público. Teriam as questões privadas alguma importância para a compreensão de modelos sociais e culturais? A resposta que o campo da antropologia das emoções me trouxe foi afirmativa. Além disso, em vista do expressivo valor que as relações privadas assumem na vida dos indivíduos, a despeito de todas as conseqüências da globalização, considere que abordar esses temas traria uma contribuição, por menor que fosse, à reflexão em torno das variáveis que se combinam cultural e socialmente para compor os comportamentos individuais.

Um dos autores que me levaram a compreender a importância dos sentimentos para a configuração do social/cultural foi Marcel Mauss (1999) com o texto *A expressão obrigatória dos sentimentos*, de 1921. A partir da leitura desse trabalho, que descreve o ritual oral dos cultos funerários australianos, tornou-se mais clara a dimensão social da expressão dos sentimentos, através da descrição que envolve a ritualização do luto nessas sociedades. As lágrimas, cânticos, gritos e uivos, assumem um caráter de obrigação social e devem ser realizados por grupos específicos de parentes:

“O que demonstra de maneira definitiva esta natureza puramente obrigatória da expressão da tristeza, da cólera e do medo, é que ela não é comum a todos os parentes. Não só são indivíduos determinados que choram, que uivam e cantam, mas na maioria das vezes pertencem, de direito e de fato, a um único sexo.”.
(Mauss, 1999, 329)

Mesmo em face do convencionalismo e da regularidade, essas práticas rituais não excluem a sinceridade, aproximando-se nesse sentido dos funerais de nossa sociedade. Além disso, misturam-se estereótipos, ritmo, uníssono, coisas

sociológicas e fisiológicas nesses cantos funerários, o que revela a riqueza de elementos que compõem ambigualmente as cerimônias: “*Tudo é, ao mesmo tempo, social, obrigatório, e, todavia, violento e natural; rebuscamento e expressão da dor vão juntas.*” (Mauss, 1999, 330)

Outra obra, dessa vez de Anthony Giddens (1993), publicada em 1992, ajudou-me nessa busca teórica atrás de justificativas da importância social dos afetos. O autor descreve de que forma, com a emergência da modernidade, a emoção torna-se de muitas maneiras uma questão de política de vida. É a partir desse período que a emoção na forma de meio de comunicação, de compromisso e de cooperação com os outros, adquire uma expressiva importância. Através do modelo de amor confluyente, que defende a reciprocidade de afetos nas relações amorosas, sugere-se uma *estrutura ética* para a promoção de emoção não-destrutiva na conduta do indivíduo e da vida comunitária. Com essas mudanças o erótico é revitalizado, e não mais somente em temas de práticas especializadas, mas como uma qualidade genérica da sexualidade nas relações sociais formadas pela mutualidade, e não mais pela assimetria.

David Le Breton (2009) foi o último autor que consultei para responder à necessidade de enfatizar o caráter sócio-cultural da expressão das emoções. Se por um lado, como afirma o autor, os sentimentos e emoções não são estados absolutos, substâncias que se pode transpor de um indivíduo ou grupo ao outro, tampouco são processos fisiológicos cujos segredos encontram-se no corpo. Elas correspondem a relações. E essas relações expressam-se de modos distintos em cada cultura e sociedade. Assim, “*o registro afetivo de uma sociedade deve necessariamente ser compreendido no contexto de suas condições reais de expressão.*” (Le Breton, 2009, 10) A expressão dos sentimentos é tributária de uma combinação de aspectos psicológicos e fisiológicos e de convenções e expressões sócio-culturais. A cultura afetiva oferece os principais esquemas de experiência e ação a partir dos quais o indivíduo tece sua conduta de acordo com sua história pessoal, suas idiossincrasias e sua avaliação da situação. Dessa forma, “*a emoção experimentada traduz a significação conferida pelo indivíduo às circunstâncias que nele ressoam.*” (Le Breton, 2009: 12) Os sentimentos fazem parte de um sistema valorativo próprio a um grupo social, e as expressões sociais

combinadas às individuais, projetam um mosaico infinito de possibilidades na manifestação das emoções.

Depois de atender a essa busca de sentido para a construção de um texto baseado em representações do afeto, começamos a refletir mais específica e detalhadamente sobre a pesquisa empírica a ser realizada. Primeiramente, pensamos em entrevistar casais em geral, tanto casados, quanto de namorados. Finalmente, chegamos à conclusão que seria difícil trabalhar com esses dois universos de relações de maneira simultânea, o que a pesquisa revelou ser realmente inadequado. A escolha foi por casais de namorados, com um tempo de relação mínimo de um ano, que não tivessem filhos ou experiências anteriores de casamento ou coabitação. Acreditávamos que relações mais prolongadas poderiam contribuir para o enriquecimento dos discursos e das impressões nele contidas. Quanto à questão dos filhos e do casamento, consideramos que poderiam influenciar determinadas abordagens, que acentuassem temas que fugissem ao contexto próprio do namoro. Não que o fato de serem casais de namorados os impedisse de se referir à relação de casamento, mas isso deveria ocorrer no plano imaginário, não no concreto e, expressar-se a partir de uma condição similar e não desigual entre os informantes. Esse critério tinha também como objetivo a realização de entrevistas com pessoas que pudessem se remeter a um universo específico das relações amorosas a partir de sua própria experiência. O sincronismo entre a vivência amorosa, a reflexividade que ela enseja e as representações construídas narrativamente sobre ela durante as entrevistas, tornou-se um fator relevante, inclusive para alguns resultados obtidos na pesquisa.

A partir dessa escolha inicial, foram selecionados nove pares, com idades entre 20 e 35 anos, residentes na cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias. O perfil dos informantes deveria atender também ao requisito de valorização da profissão e dos estudos. As pessoas entrevistadas, se ainda não eram graduadas em alguma profissão, estavam particularmente envolvidas com o desenvolvimento da carreira e com os estudos e incrementos de qualificação e desenvolvimento profissional. Esse critério pretendia atender à parte da pesquisa voltada para a discussão e problematização dos projetos individuais, já que a profissão, tanto para homens quanto para mulheres, no contexto das grandes cidades tem assumido uma dimensão central na construção daqueles.

Entre os entrevistados estavam pessoas residentes em pontos e áreas diversas da cidade do Rio de Janeiro como zona norte, zona sul, zona oeste e zona leste. Esse fator foi importante para a constatação de que em nossa pesquisa, expressou-se uma similaridade de valores e representações que não se alterou expressivamente em função do bairro ou da área em que residiam os informantes. Talvez o que se tenha destacado seja mais uma perspectiva educacional e de valores própria ao universo das camadas médias da cidade.

É importante ressaltar também que foi a partir da rede de relações pessoais da pesquisadora que se possibilitou o encontro com esses informantes, o que não deixa de trazer conseqüências para a pesquisa. Além disso, tivemos uma considerável dificuldade em encontrar casais dispostos a falar de suas relações amorosas. Durante o período de busca e seleção de pares, houve diversas recusas à participação na pesquisa. A justificativa apontada para essas recusas normalmente referia-se a questões relacionadas à preservação da privacidade e da intimidade do casal. Analisaremos esses dois fatores no capítulo que tratará do contexto da pesquisa.

Para a realização das entrevistas, montamos um questionário de treze perguntas, que sofreu pequenas variações a cada encontro. Por uma questão de método, entrevistamos cada membro da díade em separado e, quase sempre em dias diferentes para que se criasse uma situação maior de conforto e liberdade na expressão das idéias individuais. Afinal, pretendíamos problematizar as questões da dissertação a partir da ótica amorosa dos casais e também do indivíduo. Uma das discussões principais deste trabalho, inclusive, diz respeito à relação entre o individual e o diádico no universo relacional do namoro. Os locais onde se realizaram as conversas foram escolhidos pelos próprios informantes. A maior parte delas ocorreu em cafés, restaurantes ou na residência dos entrevistados. Procuramos estabelecer diálogos com abertura para manifestações espontâneas e inesperadas, a fim de capturar modelos trazidos pelos próprios informantes e não determinados pelo pesquisador. Para escrever a dissertação substituímos os nomes dos informantes por outros, fictícios.

A partir dos resultados das entrevistas, pudemos agregar os dados empíricos aos teóricos para realizar as análises das entrevistas. Procuramos, através desse diálogo entre o empírico e o teórico, responder às nossas perguntas

ou hipóteses iniciais. A primeira delas partia da idéia de que o contexto contemporâneo de maior igualitarismo entre os gêneros, particularmente entre as camadas médias estaria produzindo novas formas de troca e reciprocidade, com mudanças angulares nos valores, expectativas e exigências entre os parceiros. A segunda hipótese pressupunha que as relações pessoais no Brasil são essencialmente ambíguas e contraditórias no que se refere à relação tradicional/moderno. A terceira referia-se ao questionamento sobre a importância da fidelidade para os casais, contemporaneamente, na construção de um projeto comum de parceria amorosa. A quarta era expressa pela pergunta: pensando na maior liberdade de escolha que o indivíduo detém hoje, e considerando as múltiplas referências que permeiam a sua conduta nos relacionamentos amorosos e sexuais atuais, poder-se-ia falar em modelos de fidelidade cada vez mais diversificados e refinados e não mais em uma leitura de um padrão único? E a quinta e principal questão referia-se a dois questionamentos sobre o projeto amoroso contemporâneo. A amizade e a fidelidade seriam partes essenciais da composição desse projeto? O relacionamento da díade e os valores fusionais estariam subsumidos nos projetos de vida pessoais e nos valores individuais? Essas perguntas e hipóteses, que foram inicialmente fomentadas pela revisão bibliográfica e pela pesquisa do jornal Folha de São Paulo, direcionaram nossas conversas com os informantes. Deixamos, entretanto, espaço para que novas questões fossem abordadas, sem prejuízo para a discussão dos temas de trabalho.

O primeiro capítulo deste trabalho será dedicado à discussão teórica de temas mais centrais relacionados à construção da afetividade a partir do período moderno. Selecionamos, com base na revisão teórica, algumas questões que vêm se impondo desde essa época até os dias de hoje, no campo das relações familiares, amorosas, nos condicionamentos de gênero e da sexualidade, através de perspectivas históricas, antropológicas e sociológicas. Com isso, pretendemos fornecer as bases que nos orientaram na problematização dos temas de trabalho, por meio de um processo dialético entre pressupostos teóricos e resultados empíricos. Na primeira parte do capítulo, concentramo-nos nas temáticas do amor e do casamento a partir do período moderno. Na segunda parte, procuramos promover um debate acerca das relações afetivas no contexto contemporâneo, tanto global quanto brasileiro.

O segundo capítulo foi dedicado ao relato etnográfico, no qual são explicitadas questões próprias à relação entre pesquisador e informantes e à contextualização geral da pesquisa. Procuramos, então, problematizar questões como a relação proximidade/distância com o objeto estudado e a busca pela objetividade em pesquisas baseadas na subjetividade de indivíduos. Além disso, é nessa parte do trabalho que é feita uma breve apresentação dos nove casais entrevistados.

No terceiro capítulo, passamos à discussão mais específica dos temas da pesquisa: a fidelidade e a amizade nas relações amorosas. Através da interlocução entre resultados auferidos no campo, e teorias delineadas no primeiro capítulo, procuramos promover uma discussão profícua sobre a incorporação por um lado, de novos padrões nas relações amorosas, e por outro, sobre a manutenção de alguns modelos mais tradicionais dentro do universo pesquisado.

O quarto e último capítulo foi dedicado ao tema dos projetos de vida pessoal e do casal. Nele destacou-se, sobretudo a discussão da relação entre valores fusionais e valores individuais na relação de namoro, expressa sob uma forma essencialmente dilemática. O individualismo pode tornar-se um problema para o futuro da relação, que passa a ser resolvido por um posicionamento pragmático em contraste com visões românticas tradicionais.

Esta dissertação, com isso, pretende trazer uma contribuição para o debate em torno do tema do amor e de suas práticas, a partir da lógica relacional do namoro. Amor, amizade, reciprocidade, projetos misturam-se nesse inter-jogo, sustentado pela busca, muitas vezes incessante, do bem-estar e da tão almejada felicidade no contexto volátil e acelerado do mundo contemporâneo.